



PERCEPÇÕES ANARQUISTAS E SÓCIO-AMBIENTAIS DE ALGUNS ILHÉUS DO RIO PARANÁ

Adriano de Cerqueira Violante (UDC)
aviolante@brturbo.com.br

Trata-se da percepção de um grupo de moradores das ilhas da cidade de Porto Rico, PR, e da entre ajuda frequentemente realizada entre eles. Foi realizado mediante entrevistas semi-estruturadas e análise pautada na teoria da percepção trabalhada por Ferrara (1999) e Tuan (1980) e diversas observações com os ilhéus e ex-ilhéus. A entre ajuda ficou patente e, confrontado com algumas idéias anarquistas, nota-se uma natural tendência para o tema. Kropotkin resume o assunto da entre ajuda em seu famoso livro “O apoio mútuo”.

Palavras-chaves: Ajuda Mútua, Percepção Ambiental, Impactos de hidrelétricas

1 Introdução

Trata-se da percepção de um grupo de moradores da cidade de Porto Rico, PR, e da entre ajuda frequentemente realizada entre eles. Foi realizado mediante entrevistas semi-estruturadas e análise pautada na teoria da percepção trabalhada por Ferrara (1999) e Tuan (1980) e diversas observações com os ilhéus e ex-ilhéus. A entre ajuda ficou patente e, confrontado com algumas idéias anarquistas, nota-se uma natural tendência para o tema. Kropotkin resume o assunto em seu famoso livro “O apoio mútuo”.

2 Instrumento de pesquisa

Consistiu de um questionário de 12 perguntas que foram aplicados a 30 moradores de Porto Rico constituídos por pescadores, ilhéus e ex-ilhéus. Estas foram elaboradas de acordo com pesquisas similares utilizadas nesta situação. Ferrara (1999) foi consultada por seu estudo com percepção ambiental.

2.1 Procedimento

Com consentimento dos moradores, as entrevistas foram gravadas em fita cassete e duraram, em média, 2 horas. Na interpretação das entrevistas usamos pesquisa documental e a análise das falas dos entrevistados. Considera-se os depoimentos uma manifestação lingüística de um posicionamento em torno de um assunto, composto por uma idéia central e de seus respectivos conteúdos e argumentos. Assim, dificilmente o pensamento coletivo é apresentado, como resultado final, em seu modo natural, sob a forma de um discurso coerente, com conteúdos e argumentos.

3 A cidade de Porto Rico

O município situa-se geograficamente no extremo noroeste do Estado do Paraná, ocupando uma área de 221 Km². À sua frente está o rio Paraná e o município de Bataiporã, no Estado do Mato Grosso do Sul. Foi fundado no início da década de 1950, atraindo migrantes em busca de terras férteis para o desenvolvimento da cafeicultura.

Atualmente, a população do município, é de 2.136 habitantes. Em 1970 havia 6.192 moradores, dos quais apenas 1.025 pessoas moravam na cidade e 5.167 eram moradores rurais (IBGE, 2006). Rosa (1997), estudando a colonização do sudoeste, oeste e norte do Paraná ocorrida no início de 1889, diz que começou com a doação de terras devolutas, pelo governo imperial. Agricultores imigrantes chegaram para plantar café e algodão em terras compradas ou nas terras tomadas do Estado que conseguissem desmatar. O gado bovino foi inserido desde a criação da colônia Paranavaí em 1939. Os municípios desta região foram denominados de Terra Rica, Porto Rico, Diamante do Norte, Paraíso do Norte, entre outros, indicando locais ricos e fecundos.

Em 1965 houve uma superprodução de café no Brasil, com um conseqüente incentivo pelo governo federal, à redução da produção cafeeira para tentar evitar a queda dos preços internacionais. Devido a isso, na região de Paranavaí e Umuarama foram erradicados mais de 62 milhões de cafeeiros, transformando áreas de café em pastagens. Como o café era a cultura que mais utilizava mão de obra em sua forma tradicional de cultivo e a pecuária a dispensava, na década de 1970, houve uma “expulsão” de mais de 67.000 habitantes, cerca de 20% da população recenseada em 1960, na região de Paranavaí (ROSA, 1997, p. 381), incentivando parte dos assentados a emigrarem, até mesmo para outro país – o Paraguai, muitos para as ilhas do rio Paraná.

Atualmente, existe uma designação do Ministério Público para que os ilhéus deixem as ilhas, as alternativas que se apresentam para aqueles que permanecem nos municípios ribeirinhos são poucas: o trabalho assalariado em propriedades agrícolas; os volantes (bóia-fria); os pequenos comércios (biscateiros) e alguns serviços ligados ao turismo e à pesca. Para Rosa (1997, p. 390), a pesca não tem proporcionado bons resultados. Os poucos que ainda se mantêm na atividade vêm seus rendimentos diminuídos e ainda enfrentam problemas com a fiscalização do IBAMA e IAP.

Em 1982, iniciou-se uma “nova” história de Porto Rico e sua região, com o fechamento das comportas da Usina Hidrelétrica (UHE) de Itaipu e a formação do respectivo lago que encobriu o grande patrimônio natural: o salto das Sete Quedas, em Guaíra, PR. Essa usina hidrelétrica e as UHE de Porto Primavera e Rosana à montante, alteraram a dinâmica hidrológica de uma região conhecida como Planície de Inundação do Alto Rio Paraná. As UHEs modificaram a organização do trabalho dos moradores das ilhas locais. A criação do Parque Nacional de Ilha Grande, do Parque Estadual do Ivinheima (MS) e da Área de Proteção Ambiental (APA) das Ilhas e Várzeas do Rio Paraná, fez com que os moradores que pescavam, plantavam e criavam animais nas ilhas ficassem praticamente sem a subsistência da qual dependiam há pelo menos quatro décadas.

Silva (2002) descreve as condições de vida dos moradores das ilhas, ressaltando os laços sociais de vizinhança e solidariedade nos mutirões para o preparo, plantio e colheita, sendo que sua tradição os remete a uma descendência camponesa; também havia solidariedade nas campanhas de pesca e nos momentos de urgência em questões de doenças e acidentes, o que é corroborado por Tommasino (1985) quando se refere que a ajuda mútua era muito comum entre os ilhéus do arquipélago do ex-Parque Nacional de Sete Quedas nas proximidades da cidade de Guaíra-PR.

Como é uma região rica em números de espécies e em quantidade de indivíduos, o Poder Público criou, em 30 de setembro de 1997, a Área de Proteção Ambiental (APA) das Ilhas e Várzeas do Rio Paraná. Juntamente com esta APA, dentro dela, e na mesma data, foi criado o Parque Nacional de Ilha Grande. Ainda dentro da APA das Ilhas e Várzeas está o Parque Estadual do Ivinheima, criado pelo Estado de Mato Grosso do Sul, com o objetivo de preservar a diversidade biológica (IBAMA, 2004).

Para Campos (1999, p. 10), a justificativa para a preservação destes locais está no fato de que “a natureza foi pródiga em reunir diversos elementos como o clima e fatores físicos como a declividade do terreno e o tipo de solo, propiciando o crescimento de uma flora variada com o conseqüente aparecimento de uma diversidade muito grande de organismos”. Qualquer ação impactante na área, mesmo que possa parecer de pequena dimensão, pode levar este ecossistema a um processo irreversível de degradação, o que justificaria a criação e implementação de um mosaico de Unidades de Conservação na região, compondo o Corredor de Biodiversidade do Rio Paraná.

4 Os ilhéus na região de Porto Rico.

Silva (2002, p. 26) comenta que o espaço insular representava, além de refúgio, sua autonomia, sua oportunidade de reproduzir sua condição social de vida, ou seja, preservar sua identidade cultural e social, mesmo a vida nas ilhas sendo árdua, devido às dificuldades naturais do local: difícil locomoção, não existência de infra-estrutura.

A produção da agricultura, sempre muito maior que a esperada, produziu fartura e estocagem de milho, feijão, arroz entre outros, proporcionando a criação de diversos animais, como a

galinha e o porco. Mesmo com as dificuldades inerentes ao meio em que vivem, muitos desejam permanecer morando nas ilhas, o que é explicado por Tuan (1980) que relata o amor que os povos sentem pela terra em que cresceram.

5 Anarquistas, graças a Deus

De acordo com a Anarchopedia (2006), anarquismo é uma palavra que deriva da raiz grega *αναρχία* — onde **an** significa “não, sem” e **archê** significa “governador” designando um termo amplo, abrangendo desde teorias políticas a movimentos sociais que advogam a abolição do Estado enquanto autoridade imposta e detentora do monopólio do uso da força. De um modo geral, anarquistas são contra qualquer tipo de ordem hierárquica que não seja livremente aceita como as organizações libertárias.

A teoria anárquica significa ausência de coerção, e não ausência de ordem, confundido com o que se considera "anomia", ou seja, ausência de leis. O anarquismo não se relaciona com a prática da anomia. Os anarquistas rejeitam esta denominação e, enquanto teoria política, nada tem a ver com o caos ou a bagunça. Estes teóricos defendem uma organização social baseada na igualdade e na liberdade. Seus principais objetivos são a supressão do Estado, da acumulação de riqueza própria do capitalismo e as hierarquias religiosas.

A propriedade é o local do domínio das necessidades do homem, ou a negação do direito de satisfazer suas necessidades. A história conta a tomada das terras dos camponeses pelo Estado, pela igreja ou em nome dos reis, e quem possuía mais terras possuía riquezas, sendo assim, o mais poderoso.

As comunidades campesinas podiam conservar-se sem ajudas externas. Mas a importância ética da propriedade comunal, por pequenas que sejam suas proporções, sobre passa, em muito, sua importância econômica, ajuda a conservação da vida aldeana, de um núcleo de usos e costumes que atua como contrapeso do individualismo e egoísmo que facilmente se desenvolve entre os proprietários da terra, facilitando as formas modernas de cooperação e sociabilidade. A ajuda mútua encontra-se em diversas ocasiões: depois de um incêndio, a família lesada recebe panelas, lençóis, cadeiras, etc., e a família se aloja gratuitamente em casa dos vizinhos (KROPOTKIN, 1970, p. 171).

A ajuda mútua também se manifesta profundamente nas relações humanas onde envolve risco de vida. Como na Sociedade de Salvamento Marítimo da Inglaterra. A tripulação dos botes era quase sempre de voluntários que sacrificavam a vida para salvar desconhecidos, sendo que alguns dos mais valentes pereciam nas águas. Muitas vezes não sabem o porquê de se arriscar a entrar no mar bravio gelado, com ondas enormes, em pequenos botes salva-vidas. Só sabem que “necessitam” salvar as pessoas em perigo, e que, se não partem em salvamento, sentem-se muito mal com isso (KROPOTKIN, 1970, p. 191). Para esse autor, essa é a essência da psicologia humana.

Tanto no feitio do enxoval para um casamento, quanto na colheita de milho, vistos pela economia social, esses esforços não têm grande importância. Não pode aliviar de modo substancial, a miséria que as classes agrícolas estão condenadas. Mas, do ponto de vista moral, sua importância é enorme. Demonstram que, sob o sistema do forte individualismo dominante, as massas agrícolas conservam a ajuda mútua herdada; e enquanto os Estados debilitam as leis mediante as quais destroem todos os laços existentes entre os homens, estes laços se reatam constantemente, apesar das inumeráveis dificuldades políticas, econômicas e sociais; e se reconstituem nas formas que melhor respondem as exigências modernas de produção.

O homem constitui uma mescla de instintos herdados e de educação. Entre os marinheiros salvadores e agricultores, graças a suas ocupações em comum e ao contato cotidiano entre si, se cria um sentimento de reciprocidade, e os perigos que os rodeiam incutem nesses fortes a coragem e o gênio audaz. Ao contrário, nas cidades, diz Kropotkin (1970, p. 192), a ausência de interesses comuns incute a indiferença; e a coragem e o gênio, que raramente tem aplicação, desaparecem ou tomam outra direção.

6 Percepção dos ilhéus acerca de suas vidas, do rio e das ilhas de Porto Rico

Ao longo destes últimos vinte e cinco anos, ocorreram alterações ambientais na região de Porto Rico levando, a alterações sociais. Para responder, pelo menos parcialmente, como os moradores locais indicam-nos estas mudanças, apresentaremos as percepções do grupo por meio de fragmentos das entrevistas.

Tuan (1980) já descrevia o profundo apego à terra pelo camponês, comentando que eles conhecem a natureza porque necessitam dela, a natureza é parte intrínseca deles, moldando um sentimento de fusão testemunhado por seus músculos e pelas suas cicatrizes. Para estes entrevistados, o sentimento de amor pelo lugar é difícil de ser expresso verbalmente, por ser o lar, o locus de reminiscências e o seu sustento.

[...] eu digo a minha ilha porque não tenho terra no seco, era nossa, terra da união, mas nós tínhamos nossos direitos. O que é que era a ilha? A ilha é a benfeitoria que você faz, então você faz uma casa, um chiqueiro dum porco, um galinheiro, uma área de terra, cultiva aquela terra para plantar o alimento, o milho, o feijão, o arroz, um pouco de tudo, você planta, né. Então é a sua ilha, seu jeito (Sr. Otávio, 66 anos).

Essa fala evidência o prazer em ter algo seu, feito por suas mãos: “minha ilha”, se referindo ao seu pedaço de chão. Como diz Tuan (1980) como traduzir o sentimento pelo lugar senão por suas lembranças, por considerar ser o seu lar, seu castelo, seu jeito.

[...] eu tinha uma faixa e fulano outra faixa. Era dividido. Quem tinha mais dava um pedaço pro outro. O cara queria trabalhar, se mudava com a família e a gente dava um pedaço para ele, porque naquele tempo era terra da Marinha, e havia uma capitania da Marinha que distribuía. Às vezes tinha algum atrito entre um e outro, mas era resolvido por uma espécie de delegado [da marinha] (Sr. Otávio, 66 anos).

A declaração anterior mostra que o termo “minha ilha” era realmente as construções que se faz sobre a terra, pois já era sabido pelos moradores que as terras nas ilhas eram propriedades da Marinha. Kropotkin (1970) procura entender o porquê de se “dar” um pouco de si para “o cara”, uma pessoa que apenas queira trabalhar. Embora a fala se refira a divisão de terras, a colaboração mútua era também uma forma de superar os desafios de se viver em uma comunidade restrita mantendo as condições que tinham.

[...] são pessoas que foram criadas lá dentro [ilhas], criaram a família lá dentro, então tem um amor aquele pedaço de chão incalculável (Dona Sueli, 48 anos).

Novamente Tuan (1980) é lembrado nessa fala em que a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar.

[...] estes jovens que saíram de lá [das ilhas] não tem aquele orgulho... – “ah, porque é da minha terra, eu me criei aqui”. Eles não querem saber disso, eles querem a modernidade, eles não vão voltar pra lá (Dona Sueli, 48 anos).

Mas se os mais velhos possuem um gostar maior pelo lugar a ponto de não quererem sair, parece que os mais jovens não têm este mesmo apego. Para muitos as ilhas não são lugar para

jovens solteiros, pois não há muito que fazer em termos de relacionamentos ou diversão. Este ambiente insular pode ser visto como um obstáculo aos contatos.

[...] e preservar, quem vai preservar somos nós, que sabemos como é que preserva (Sr. Otávio. 66 anos).

Esta fala revela, sem modéstia, a sabedoria popular. Quem conservou a região, até o aparecimento das barragens, foram estes fortes, pescadores que sobreviveram às cheias naturais, às duras condições nas ilhas e à falta de pescado, ocasionado pelas falta de cheias naturais decorrente do represamento da água.

Para o Sr. Otávio (66 anos) as águas mudaram este sistema de subsistência:

[...] antes das barragens havia muita fartura de alimentos, uma fartura muito grande tinha aqui, todo mundo vivia tranqüilo, o pescador pescava, pegava bem peixe, porque tinha peixe, né. Se precisava de um frango tinha, uma leitoa tinha, o que você precisava tinha ali [nas ilhas] e, de repente, essas águas veio subindo e, como a gente já estava acostumado, pois eu já estava a 17 anos na ilha. Quando eu entrei lá tinha outros moradores mais antigos. Naquela época tinha 490 família, que eu fiz o recenseamento, da ponta do Cágado até a ponta da Mutum (Sr. Otávio. 66 anos).

Esses locais eram férteis, pois as enchentes deslocavam os nutrientes e a matéria orgânica que, por sua vez, fertilizavam o solo das ilhas. Até mesmo a população da cidade esperava e necessitava da produção dos moradores das ilhas. A professora Sueli (48 anos) e ex-ilhéu retrata a sua família neste percurso da história das pessoas e da região:

[...] eu fui moradora de ilha, meu pai já morou na ilha, e eu me lembro que nós tínhamos uma fartura muito grande. Eu vim ver necessidade depois que mudamos para cá [cidade de Porto Rico], na minha época de criança, porque lá tinha o porco, a galinha, a vaca de leite, coisas na porta, à vontade, verdura, tudo... Na minha infância, 6, 7 anos eu não sabia o que era comprar. Eu me lembro que meu pai vinha a Porto Rico comprar açúcar pra por na mamadeira da minha irmã pequena. Assim mesmo era feito o melado da cana de açúcar. (Dona Sueli, 48 anos).

Sr. Toninho (42 anos) que trabalha com travessia e aluguel de barcos também reafirma essa dimensão da produção de alimento local:

[...] a ilha Mutum teve época, eu era molecão, meu pai puxava banana das ilhas, chegou a ter 70, 80 famílias, com 8, 10 pessoas, era uma cidadezinha a ilha Mutum. Então produzia arroz, milho, tudo. Criação de galinha, porco, bananais fechados de banana. Vinha caminhão buscar para doçarias. Tudo saía das ilhas. [...] Eu cheguei a ir em praia com meu finado pai, dar um lance de arrastão e tirar 600, 700 quilo de peixe. Você vir com o bico do barco aterrado. (Sr. Toninho 42 anos).

Ao entrevistador fica difícil compreender qual era esta quantidade de alimento, porém é de pensar que as famílias eram numerosas e que dependiam do plantio, colheita e de seu armazenamento por vários meses do ano.

[...] mas fartura sempre teve. Aqui já cansamo de botar 60 sacos de arroz dentro da casa, nós botava 30, 40 [sacos] de feijão, milho. Não vivia comprando, frangos, galinha, tinha muito peixe para a gente salgar, tinha muito porco. Criei meus filhos na fartura, eu botava miúdos de molho para ralar para fazer cuscuz, fazer polenta. Na fartura era melhor antes, era mais difícil para gente, mas difícil ainda hoje é. Tudo que plantava tinha, mandioca tinha o ano inteiro, abobrinha cê tinha o ano inteiro. Agora não tem nada, nós veve do salário (Sr. Zé Mineiro e esposa, 72 e 53 anos).

Ainda sobre a fartura das ilhas, Dona Ana, entrevistada de 58 anos de idade relatou que:

[...] nas ilhas era bom antigamente, nós nos criamos em oito, a gente plantava e colhia de tudo, tinha fartura. Agora não pode plantar nada lá. Dinheiro mesmo nós não tinha, mas tinha porco gordo no chiqueiro, lata de porco [banha] que naquele tempo não tinha geladeira, era tudo untado, dentro daquela lata. Tinha fartura. (SR^a. Ana, aluna da alfabetização, 58 anos).

Estes moradores/entrevistados trazem-nos um sentimento de riqueza e de fartura entre os ilhéus, sendo essa também a percepção de Tommasino (1985) quando comenta sobre as trocas de mercadoria sem o uso de dinheiro.

[...] eu tinha uma faixa e fulano outra faixa. Era dividido. Quem tinha mais dava um pedaço pro outro o cara queria trabalhar, se mudava com a família e a gente dava um pedaço para ele, [...]. Mas ninguém ficava com o “bucho na rua”, ia morar na ilha, fazia a rocinha dele, três, quatro meses, os outros ajudava, né. Você não tem cimento não tem uma leitoa, um frango. O vizinho dava pra começar, e foi muitas famílias assim, nos alojamos aí (Sr. Otávio e esposa, 66 e 65 anos).

[...] na enchente de 1982, nós num passamo precisão de nada. Eu não vivo de vender peixe só não, o pessoal levava, um levava, outro levava, eu dava o peixe. Eu dava condução pra quem não tinha. Eles iam com nós. Comiam com nós. Dava peixe, dava carne de porco, dava arroz, nós num ficava matando na unha não. Um ajudava o outro aqui na ilha. Nós sempre tinha as coisas, graças a Deus. Aqui tinha muitos vizinhos, era um pelo outro. Aqui ninguém tinha briga, era um povo muito unido. Era tudo família. Em fevereiro [de 2006] vai fazer 50 anos que estou aqui na ilha (Sr. Zé Mineiro e esposa 72 e 53 anos).

Nessas falas, Kropotkin (1970) é lembrado de forma patente, parece que toda a vida nas ilhas é centrada na ajuda mutua entre os moradores, como se vivessem em um mundo à parte, em que seria muito difícil, talvez impossível, viver num meio inóspito da ilha sem contar com o apoio dos vizinhos. E sem pedir nada em troca.

O rio Paraná deixou lembranças na vida dos moradores, memórias de bons tempos.

[...] o rio era bastante puro, a água era limpa, tanto é que a gente não tinha poço, a maioria dos ilhéus tomava água do rio, não tinha o hábito de ferver, de filtrar, nada. Tanto para beber como para cozinhar. E não havia problemas de vermes, de doenças, não só na minha família, que era uma família grande, uma turma de 10 filhos, e nem na vizinhança (Dona Sueli, 48 anos).

[...] e não tinha doença. O filho mais caro que eu tinha não gastamos mil contos. Falam que hoje não se pode mais tomar água desse rio e nós nunca fervemos água, e criamos 10 filhos. Levamos no posto de saúde, mas dizer que deu febre de gastar dinheiro com criança, doença. Nunca houve disso (Sr. Otávio e esposa, 66 e 65 anos).

A percepção é a de que a saúde está ligada à prática de produção de seus próprios recursos de subsistência e, é claro, aos processos naturais da água e ciclos de plantio.

[...] naquele tempo o rio enchia, 15 de outubro nos esperava um reponto, sujava a água, a água ficava igual pasto. Só que era peixe com fartura. Pesquei de profissão por 20 anos. Ali eu plantava arroz, plantava feijão, plantava a roça e à noite, de umas horas em diante, eu ia pro rio pescar (Sr. Otávio 66 anos).

O conhecimento tradicional do pescador como é realçado pelo Sr. Otávio indica que essa quantidade de alimento, os peixes, desapareceram com a interrupção das cheias pela retenção de água pelas barragens à montante de Porto Rico.

[...] naquele tempo você chegava nas margens do rio e ficava naquela moita de capim, capim jaraguá. Hoje não vê mais uma moita de guapé beirando o rio que não dá tempo. Começa a querer formar e já vem a água, suspende ela e quando baixa já leva ela embora (Sr. Otávio, 66 anos).

Estas constatações do passado são evocadas para marcar as grandes diferenças com os problemas do presente com o Incra e a fiscalização do IBAMA e IAP, além da polícia florestal:

[...] meu sogro tem um sítio de 10 alqueires e tudo que ele fez dentro daquele sítio foi pra por dentro dessas ilhas. Ele tem mais de 100 alqueires de ilhas, que foram comprados e não foi barato não. Eu não sabia o que era comprá um pacote de arroz e não tinha maquinário, num tinha nada não, era no braço mesmo, arroz, milho. De repente acabou tudo. Meu sogro, as últimas palavras dele, os últimos pensamentos dele no hospital: - “O que é que eu fiz da minha vida? O que vou deixar para os meus filhos? O que eu tenho é esta ilha, e agora já nem posso entrar lá dentro”. Ele morreu esperando a indenização. E tá assim até hoje. O INCRA dessa ilha nossa sai mais caro que os 10 alqueires e tá pagando até hoje. Se não pagar é pior, porque tá no nome do pai e tem que pagar. Só que todo ano vem o INCRA pra pagar (Dona Sueli e marido, 48 e 46 anos).

A depoente não aceita a obrigação de os moradores pagarem o INCRA de uma área na qual não podem trabalhar. São obrigados a quitar dívidas com o Estado, porém este os impede de plantar e criar animais – de viver nesse local.

A relação ambígua com a terra que por muitas décadas forneceu alimento e hoje fornece apenas dívidas, pode ser pensada por Tuan (1980). Este autor fala do dilema pelo lugar de camponeses que trabalham duro em suas terras e dependem de suas colheitas. Estes desenvolvem um sentimento de amor e ódio pela terra: se a colheita vai bem o agricultor sente-se bem, se há problemas ele desenvolve um sentimento negativo pelo local. Se normalmente a agricultura tem altos e baixos, o que dizer, então, dos ex-ilhéus que estão ligados a uma burocracia kafkaniana, relacionados a uma nova condição de modalidade da terra: a pertença de uma Área de Proteção Ambiental que traz novas restrições para os moradores.

[...] a minha área era de 18 alqueires, eu estou hoje com um hectare, e fui multado estes dias porque plantei. Multado em 2000 contos. E você não tem pra quem gritar (Sr. Otávio, 66 anos).

A revolta do Sr. Otávio é grande. Quem plantou durante décadas nas ilhas, criou os filhos com os frutos deste trabalho, viveu da pesca em suas horas disponíveis e depois perde sua autonomia diante da nova legislação que altera a forma de uso da terra vê-se como o Sr. Otávio, sem recursos políticos e legais para questionar a mudança. Arruda (2000), comenta estes atos, por exemplo: a pesca, a feitura das roças, a criação de galinhas ou porcos, a construção de um quarto para o filho que se casou, como atos considerados naturais e espontâneos que passam a ser condenados como atos criminosos em função das novas leis e regras das UCs. A população local e tradicional é transformada em perseguida e penalizada. Os depoimentos do Sr. José apontam a inflexibilidade e a rudeza dos fiscais ambientais:

[...] fiscal chega a puxar o bigode de pescador até sair sangue, outro apanhar de mangueira. É uma barbaridade. Nunca teve um representante que saísse daqui, ir lá e tomasse providência contra um cidadão desse. E o pescador perdia tudo, a tralha, o peixe, apanhava e ainda saia correndo, entrando escondido no mato. Quando começo a contar fico revoltado... O pessoal não conhece os direitos dele (Sr. José, 55 anos).

São denúncias dos excessos das entidades fiscalizadoras que não compreendem a mudança ambiental (a transformação em APAs) atingindo os hábitos tradicionais. É grande a resistência às mudança de membros das comunidades tradicionais. Os fiscais agem dentro da lei, mas uma lei gestada fora da vivência dos ilhéus.

[...] querem que os coitados saiam de lá [das ilhas] e venham tudo para a cidade. Se esse povo vier para a cidade vai ter que roubar porque ninguém vai passar fome. E a pessoa que mora lá não é acostumado a fazer isso. E quem tem quatro filhos como é que faz? Tem que ter uma estrutura para eles virem para a cidade. A pessoa não sabe o que faz. O pior que eles vão lá e eles fazem isso. Queriam meter multa em minha mãe porque ela tava muito “bocuda”. Minha mãe disse que – “eu criei meus filhos tudo aqui e nunca ninguém veio aqui com desaforo, agora vocês tão vindo com desaforo” (Sr^a. Ana, 58 anos).

Os depoimentos do Sr. José e da Sra. Ana mostram que os ex-ilhéus não acatam as novas práticas. Silva (2002) critica o modo dos fiscais ambientais de efetuar uma mudança ambiental que troca os homens pela ecologia quando comenta que aos ex-ilhéus fica o lema: “Sem terra, sem rio, sem peixe, sem estudo, sem trabalho”. Estes moradores ancoraram suas vidas na sua força direta de trabalho e, sem suas tradições, sem instrução escolar foram para uma cidade sem estrutura para recebê-los.

7 Conclusões

As duras formas de aplicação das leis pelo poder responsável aliada à insensibilidade do poder econômico marginalizando estes moradores, é amenizada pela ajuda oferecida pelos demais vizinhos nas ilhas. Embora praticamente invisível nas metrópoles, é o apoio mútuo é condição indispensável em ambientes onde os problemas aparecem com mais frequência. A marginalidade e a miséria é uma condição praticamente certa para quem vive da agricultura de subsistência, da pesca incerta e da falta de oportunidade de estudos. A vida nas cidades se resume às vilas rurais, com terrenos pequenos e ruins para a agricultura. Dessa forma fica a saudade dos tempos de fartura, dos tempos de ajuda mútua, dos tempos em que era possível viver nas ilhas do rio Paraná.

8 Referências

- ANARQUISMO. Disponível em: <<<http://por.anarchopedia.org/index.php/anarquia>>> acesso em: 13 fev. 2007.
- ARRUDA, Rinaldo S. Populações tradicionais e a proteção dos recursos naturais em unidades de conservação. In: DIEGUES, Antonio Carlos (ORG.). **Etnoconservação – Novos rumos para a conservação da natureza**. São Paulo: HUCITEC/NUPAUB-USP, 2000. p. 273-290.
- CAMPOS, J. B. (org). **Parque Nacional de Ilha Grande; re-conquista e desafios**. Maringá: IAP, 1999.
- DIEGUES, A.; NOGARA, P. **O nosso lugar virou parque**. São Paulo: NUPAUB/USP, 1999.
- FERRARA, Lucrecia D’Alessio. **Olhar Periférico: Informação, Linguagem, Percepção Ambiental**. 2 ed. São Paulo: Edusp. 1999.
- IBAMA. Disponível em: <<http://www2.ibama.gov.br/unidades/parques/reuc/106.htm>>. Acesso em: 29 Jun. 2004.**
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www1.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>. Acesso em: 02 Jan. 2006.**
- KROPOTKIN, Piotr. **El apoyo mutuo**. Bilbao: Editorial Zero. 1970.
- ROSA, Maria C. Processo de ocupação e situação atual. In: VAZZOLER, A. E. A. M.; AGOSTINHO, A. A.; HAHN, N. S. **A planície de inundação do alto rio Paraná: Aspectos físicos, biológicos e sócio-econômicos**. Ed. Universidade Estadual Maringá, 1997. p. 371-394.
- SILVA, E. A. R. **Ilhados em Porto Rico – do Éden pessoal ao dilúvio social**. 2002. Dissertação. Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais – Departamento de Biologia, UEM, Maringá, 2002.
- TOMMASINO, Kimiye. Fugindo do sistema: começo e fim da utopia dos ilhéus do Rio Paraná. 1985. Dissertação (mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. São Paulo, 1985.**
- TUAN, Yi-fu. **Topofilia. Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.